

“... E A EXPERIÊNCIA, CONTA!: REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA PESSOAL E PROFISSIONAL DE UMA FORMANDA EM PEDAGOGIA

RESUMO

O curso de pedagogia, e a prática pedagógica são bastante complexos e representam grandes desafios. Neste artigo destaco aspectos da minha formação profissional expressos em um memorial de formação e prática pedagógica, com suporte em pensadores que tiveram diretamente ligados aos meus questionamentos. Como educadora faço uma discussão em torno da consciência de promover a leitura de forma agradável diante da sua importância para a vida social e cultural do educando. Aprendi com a experiência do estágio supervisionado que o educador é um constante pesquisador e a mediação feita entre aluno e professor, os torna parte integrante do processo de aprendizagem. Acredito, em especial, que a contação de histórias seja um canal de aprendizagem, pois desperta nas crianças o gosto pela leitura e pela escrita. Trabalhar com a leitura por meio de encenação facilita a reflexão da criança pois associa o imaginário ao real. Acrescento, por fim, neste trabalho, o aspecto do lúdico em diversos contextos, pois acredito que por meio do lúdico é possível desenvolver a memória, tornar o aluno crítico e reflexivo.

Palavras-chave: Formação e prática pedagógica; Contação de história; Lúdico.

1 Primeiros passos de uma educadora

Aos 16 anos de idade fui morar na cidade de Imperatriz, Maranhão, no ano 1994. Foi nesta cidade que começou a minha história como educadora. No mesmo ano fui indicada para trabalhar em uma escola particular a lecionar nessa escola. No momento da entrevista fui questionada sobre o que eu gostaria de fazer. Respondi rapidamente, com os olhos pretos e vibrantes que queria ser professora. Trabalhei nesta escola durante quatro anos. Foi uma espécie de laboratório da vida, que me proporcionou experiências incríveis, como, por exemplo, a experiência de trabalhar com uma turma de alfabetização de crianças.

A leitura de Paulo Freire, já na graduação, foi essencial para que eu pudesse refletir o significado dessa primeira experiência como alfabetizadora. Percebo que atuei profissionalmente buscando o desenvolvimento da aprendizagem, a partir das possibilidades da própria criança. Foi gratificante auxiliar o processo de desenvolvimento da leitura- escrita das crianças, pois neste processo refleti sobre a

importância de alfabetizar. Como educadores precisamos ver a criança como um ser completo e complexo, que pensa e que tem hipóteses a respeito da leitura e da escrita, mesmo antes de entrar na escola.

Como se a escrita entrasse por uma porta e as atividades com outras linguagens (música, brincadeira, desenho etc. saíssem por outra. Por outro lado, há quem valorize a presença da cultura escrita na Educação Infantil por entender que para o processo de alfabetização é importante para a criança ter familiaridade com o mundo dos textos (SCARPA, 2006, p1).

Para ser alfabetizada a criança precisa de estímulos lúdicos como citou Scarpa, (2006), mas também de atividades contextualizadas. Na graduação em pedagogia, especialmente na disciplina aquisição da linguagem, aprender sobre os níveis da alfabetização facilitou minha desenvoltura em sala de aula, tornando o processo de aprendizagem dinâmico e significativo.

1.1 Nível de Alfabetização

A escrita para Ferreiro (1991) é um objeto de conhecimento, considerando as tentativas individuais infantis, a interação, o aspecto social da escrita e o processo discursivo. É necessário refletir sobre a importância de a alfabetização ser significativa e contextualizada para a criança. Ferreiro (1991) aplicou a teoria mais geral de Piaget (1983) na investigação dos processos de aprendizado da leitura e da escrita entre crianças na faixa de 4 a 6 anos.

Esta autora concluiu que a criança aprende segundo sua própria lógica e segue essa lógica, até mesmo quando ela se depara com a lógica do método de alfabetização. Resumindo, as crianças não aprendem do jeito que são ensinadas. A teoria de Ferreiro (1991) possibilitou aos educadores reflexões sobre a formulação de novas propostas pedagógicas de alfabetizar sob medida para a lógica infantil.

No nível- Pré-silábico o aluno escreve por meio de desenhos. As letras não querem dizer nada para ele. Por exemplo, se pede para a criança escrever “BOLA” ele faz o desenho.

No nível-Pré-silábico II o educando já sabe que não se escreve com desenhos, já usa letras, ou se não conhece nenhuma, usa algum tipo de sinal ou rabisco que lembre letras. Também acredita que para a escrita ser lida, deve ter nomes com poucas letras. Relacionam a escrita do nome dos objetos com o tamanho dos mesmos, coisa grande (nomes grandes) coisas pequenas (nomes pequenos).

No nível silábico, o aluno já descobriu que as letras representam os sons da fala, mas pensa que cada letra é uma sílaba oral. Por exemplo, se perguntar quantas letras tem a palavra “cabeça” ele contará as sílabas oralmente e responderá três.

No nível alfabético a criança compreende como se escreve usando as letras do alfabeto. Ele já sabe que cada letra representa um som da fala e que é preciso juntá-las de um jeito que formem sílabas de palavras de nossa língua. Para Ferreiro (1991), os grandes obstáculos para a alfabetização é considerá-la um instrumento exclusivo da escola, sem considerar o contexto de vida da criança. Portanto, a autora prega a importância de se tomar consciência de que toda forma de leitura é importante e deve ser valorizada.

A importância dada aos níveis da alfabetização neste artigo se dá com suporte na necessidade que senti de redimensionar minhas ações como professora desenvolvendo métodos para uma aprendizagem significativa e promovendo aulas com leituras visuais, jogos, leitura com rótulos, colagem, recortes entre outros, motivando a interação dos alunos e a construção da própria aprendizagem.

Entendo que a ideia construtivista nos diz que nada está pronto, acabado, e que o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado, pois se constrói pela interação do indivíduo com o meio social, com o símbolo e com o mundo.

1.2 Desafios

Comecei a trabalhar como auxiliar de alfabetização ainda em Imperatriz. Tinha muitos sonhos e expectativas e a experiência de trabalhar e estudar, ao mesmo tempo, fundamentou, ainda mais, a minha escolha pela área da educação. Concluí o ensino médio, no ano de 1999. Em 2003 retornei para a interior do Ceará. Nessa cidade tive a oportunidade de continuar atuando na área da educação. Fui professora polivalente no ano de 2004 a 2006, lecionando alfabetização para crianças, a experiência de trabalhar em uma nova cidade ou em uma nova escola, trouxe para minhas práticas docentes novos horizontes, aperfeiçoando a minha didática.

Durante o tempo que trabalhei nesta escola, aproveitei a oportunidade para desenvolver meu trabalho procurando embasamentos teóricos. Busquei o referencial teórico de Ferreira e de Piaget por serem grandes colaboradores no tema alfabetização e letramento. O indivíduo sem letramento se alfabetiza, porém não adquire competências para usar esta ferramenta que lhe foi ensinada.

Uma ação também de grande relevância foi uma experiência vivida em 2003, quando trabalhei pela primeira vez com crianças e adolescentes de 7 a 14 anos no programa do governo Federal denominado Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Como monitora eu realizava atividades sócio-educativas, abrangendo ações de reforço escolar, recreação e lazer, atividades artísticas e culturais, (reuniões bimestrais, palestras, oficinas). Além disso, por meio desse projeto, a equipe de monitores realizava uma articulação com a rede de garantia e defesa dos direitos das crianças e adolescentes, além do acompanhamento das ações empreendidas pelo município no enfrentamento do trabalho infantil. Essas experiências contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

1.3 Ingresso na Faculdade

A Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB 9394/96) no capítulo IV, Art. 43º, diz que educação superior tem por finalidade: I – estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; II – formar

diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; IV – promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; V- suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração e VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.

Tomando por base a LDB, e a necessidade do nível superior para continuar atuando como professora, no ano de 2009 prestei o vestibular para a Universidade Estadual do Ceará (UECE), pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). Um sonho começava a se realizar. O início do curso foi um grande desafio, pois associar trabalho estuda mais intenso e família requer muita disciplina e entrega. Tenho recebido recompensas, pois as experiências adquiridas com o curso de pedagogia permitem melhorar o meu trabalho de mediadora do conhecimento e, inclusive, tem me ajudado a entender melhor as fases do desenvolvimento educacional da minha filha

Vale ressaltar que mesmo sendo reconhecida como uma excelente profissional passei por alguns constrangimentos por não ter o curso superior. A falta do diploma deixava meu currículo a desejar e acabei perdendo algumas oportunidades de trabalho.

Mesmo com a minha experiência como educadora, meu conhecimento prático não era o suficiente, necessitando da teoria. O conhecimento adquirido na

graduação tem feito muita diferença no desenvolvimento do meu trabalho, pois atuo agora com mais competência e habilidade.

A exigência do curso superior estimulou ainda mais a minha busca por esta formação e foi determinante na minha escolha pela pedagogia. Este curso tem atendido as minhas expectativas e as minhas necessidades profissionais.

1.4 Experiências de Estágios

A disciplina projeto de estágio, Pesquisa e Prática Pedagógica (PPPV), do curso de pedagogia, ministrada no 5º, trouxe uma experiência de extrema relevância para minha vida acadêmica, pois os registros da pesquisa de campo desenvolvidos, permitiu reconhecer os objetivos e a importância do estagiário.

O olhar atento e observador em relação a todas as atividades desenvolvidas nesse estágio foi de extrema importância nesse primeiro momento com crianças de 04 e 05 anos. As atividades e o projeto denominado “Animais” desenvolvidos em sala de aula durante 15 dias, proporcionou as crianças uma maior valorização dos animais, por meio de músicas, pinturas, historinhas, dramatização etc. Para cada atividade um animal era representado. Todos os dias conheciam um animal diferente, e a alegria das crianças estimulava o meu retorno a sala de aula no dia seguinte.

No dia do encerramento contei a história da arca de Noé, deixando as crianças contagiadas pela importância de cada animal. Foi uma tarde animada, colorida, com direito a doces e salgados.

No ano de 2012, precisamente no 7º semestre do curso, na disciplina PPP VI, realizei o segundo estágio supervisionado. A escola escolhida foi a mesma no primeiro estágio, o que mudou foram os educandos, que, agora, eram alunos da turma do 5º ano, Fundamental I.

A inserção em uma sala numerosa, com 40 alunos, foi uma experiência diferenciada. Foram dias especiais, pois conheci alunos que expressavam o desejo

de aprender e outros que procuravam encontrar em sala o refúgio de seus medos e da sua realidade, pois estavam inseridos em contextos familiares conturbados.

O estágio também proporcionou a relação teórico-prática, pois desenvolveu minha competência profissional com suporte na utilização prática dos conhecimentos adquiridos durante a graduação, constituindo-se em importante instrumento de conhecimento e integração.

No estágio tive possibilidade de me reconhecer como sujeito que não apenas reproduzia o conhecimento, mas tornava o trabalho de sala de aula em um espaço de práxis docente e de transformação humana. Como diz Freire (1969, p. 73) “o autoritarismo do educador não se manifesta apenas no uso repressivo da autoridade, que restringe arbitrariamente os movimentos dos educandos”.

Por meio das práticas de leituras, principalmente sobre a realidade dos alunos, é possível experimentar o aspecto dinâmico e interativo de projetos que objetivam estimular a criatividade e a criticidade dos educandos. Nesse sentido, por meio dos projetos sobre produção textual com os alunos sobre fatos vividos no cotidiano é possível contextualizar a cultura, e valorizar nossas raízes regionais e locais. Como exemplos, temos a história de Antonio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro, Mestre Piauí, a história da barragem, nossa agricultura etc. A escrita e a leitura deixam de ser desestimulantes para os alunos e passaram a ter significados.

Tendo como referência as experiências citadas, acredito que a escola que inserir em seus projetos pedagógicos variados recursos textuais e realizar diversificadas práticas de leitura poderá estimular o envolvimento das crianças com o ensino da leitura e da escrita, promovendo assim, a formação de bons leitores.

2 O Lúdico em diversos contextos

Atualmente o Lúdico tem sido objeto de discussões por inserir as crianças no mundo da fantasia e da brincadeira, desenvolvendo as múltiplas aprendizagens. Sabemos que o trabalho com jogos desperta a aprendizagem social, pois o jogo é

natural, ativo e motivador e para a maior parte das crianças das brincadeiras envolvem de modo constante, as pessoas nos processos de ação, reação, sensação e experimentação.

Os jogos devem ter lugar de destaque no cotidiano das crianças, pois permitem que se ampliem as possibilidades de se posicionar melhor de compreender e construir aprendizagem. Também nesse aspecto a referência é o próprio corpo da criança e os desafios devem levar em conta essa característica, apresentando situações que possam ser resolvidas individualmente, mesmo em atividades em grupo.

Com a experiência adquirida nesses anos, percebi que nenhuma criança brinca só para passar o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que muitas vezes acontece com a mente da criança determina sua atividade lúdica e brincar é sua linguagem secreta. O professor deve respeitar e ficar atento para oferecer possibilidades e situações de jogos e brincadeiras.

É imprescindível que as aulas sejam repletas de atividades lúdicas, para que a criança tenha a oportunidade de expressar-se, de evadir-se do mundo real, de e ser séria no seu mundo colorido e divertido. Certa vez o poeta Carlos Drummond se referiu a brincadeira como forma de ganhar tempo, e não de perder tempo. Pois é por meio de brincadeiras, jogos, teatros que o aluno exterioriza seus desejos e suas experiências.

Ainda hoje, vemos que por falta de conhecimentos pedagógicos algumas escolas tratam as crianças como seres passivos, limitando a fluidez dos movimentos, das emoções e dos pensamentos, tão necessários para o desenvolvimento integral. Sabemos que a nossa inteligência depende de como cada indivíduo interage com o meio, compreende os seus signos e articula as informações que permitem uma participação ativa na realidade.

Percebemos que a nossa identidade e a autonomia têm uma relação direta com o desenvolvimento afetivo, motor e cognitivo; necessitando, para tanto, a

promoção de situações de aprendizagem que possibilitem experiências no sentido de oportunizar ao indivíduo a construção dos valores morais, culturais e éticos da sociedade onde vivem. Brincar é parte integrante da vida social e é um processo interpretativo. Assim sendo, para ser educador faz-se necessário uma vivência em todas as fases da infância, pois é importante ter interligado ao seu autoconhecimento e autoconsciência, o conhecimento teórico e prático sobre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem.

2.1 Estimulando a Leitura com a Contação de Histórias

A leitura é uma atividade de grande relevância para a vivência em sociedade. Freire (2005 p.11) afirma que “a leitura de mundo antecede a da palavra, ou seja, desde o nascimento já lemos o mundo e nossas ações decorrem dessa leitura, sendo ela muito importante para inspirar nossos sentimentos, valores, condutas e a celebração da própria vida.”

Tomei como embasamento o autor Paulo Freire, e no decorrer das experiências obtidas em sala de aula desenvolvi projetos de Contação de história, como ferramenta à aprendizagem da leitura e da escrita nas séries iniciais do ensino Infantil e Fundamental. Esta ação teve como objetivo aprofundar as discussões sobre a importância de contar histórias como estímulo à aprendizagem, apontando para a necessidade de resignificar a arte de narrar histórias, e despertar o gosto pela leitura e pela escrita.

Utilizar as contações de histórias nas minhas atividades foi uma contribuição didática para meus educandos, pois percebia que quando misturava o conteúdo com histórias eles entravam no mundo imaginário e isso favorecia a aprendizagem de forma espontânea. O curso de pedagogia tem sido essencial para isso, pois o conhecimento que a formação tem me proporcionado me capacita para identificar os aspectos pedagógicos dessa atividade e compreender como ela favorece o desenvolvimento das crianças, principalmente durante a alfabetização.

Nesse mesmo sentido contar histórias para crianças deve ser um ato constante, não só porque executá-lo é o início da aprendizagem para ser leitor, mas para provocar a imaginação. Deve dar prazer a quem conta e ao ouvinte. Constitui fonte de prazer e encantamento pela vida. É ouvindo histórias que se pode descobrir o mundo imenso de conflitos e soluções, podem sentir novas e diferentes emoções, conhecerem lugares novos, começar a formar opiniões, critérios, conceitos e novos valores.

Este projeto também possibilitou a observação dos aspectos teóricos trazidos pela literatura relacionando à utilização de recursos pedagógicos em sala de aula. A intenção é estimular o aluno a ler e a ouvir histórias favorecendo uma aprendizagem significativa, levantando a hipótese de que a contação de histórias interfere positivamente na socialização da criança.

Pelas minhas experiências, verifico que quando damos às crianças a compreensão de um conteúdo abstrato, a motivação parece ser um aspecto importante para despertar sua atenção. Além disso, o envolvimento com os símbolos contidos nas obras literárias possibilitam a imaginação e desperta a paixão pelos livros, pela história, pela leitura e, assim, facilita o processo ensino - aprendizagem.

Dessa forma, contar histórias amplia as possibilidades de compreensão dos significados do mundo em que as crianças estão inseridas. Trabalhar nessa perspectiva auxilia a aprendizagem por associar características de descontração, atenção, alegria com o conteúdo ensinado em sala de aula. Assim, a utilização do princípio da contação de histórias, pode ser um diferencial, fazendo o apreender a fazer a leitura do mundo por meio do aspecto lúdico.

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto criar asas e estimular a aprendizagem". (ABRAMOVICH, 1994, p. 23)

Utilizar-se da leitura, através da contação de histórias, tem como finalidade o desenvolvimento dos sujeitos e a melhoria de seu desempenho escolar, respondendo a necessidades afetivas e intelectuais pelo contato com o conteúdo

simbólico das leituras trabalhadas. Nesse sentido, espera-se com essa ferramenta um melhor entendimento de como a criança reage ao receber e canalizar os estímulos contidos na diversidade das histórias que, ao serem contadas, transportam o ouvinte para o mundo da imaginação.

Segundo Priolli (2008, p. 18) “ler é importante por que forma leitores desde cedo e valoriza a escuta de histórias, pois a criança valoriza o livro como fonte de conhecimento e entretenimento.” Assim, o período da alfabetização teve grande importância para a minha atuação profissional. Minha formação vai ao encontro desse momento pedagógico e desperta meu desejo de me especializar na área da educação infantil, visto que entendo que a leitura e a escrita promovem momentos prazerosos e enriquece o imaginário, amplia o vocabulário, familiariza a criança com o mundo e revela-se como essencial para toda a vida.

A leitura exerce um importante papel no crescimento intelectual, crítico e criativo, desenvolvendo potencialidades e, conseqüentemente, o rendimento escolar. Espero que desenvolvimento do meu trabalho utilizando os princípios da contação de histórias permita com um melhor entendimento de como a criança recebe os estímulos contidos na diversidade das histórias que ao serem contadas transportam os ouvintes para o mundo da imaginação, da criatividade tornando-se alunos leitores.

As habilidades desenvolvidas pela criança através do que houve nas histórias são destacadas por caráter: as histórias com heróis, conteúdos que proporcionam lições de vida, fábulas em que o bem prevalece sobre o mal. Raciocínio: as histórias mais elaboradas, os enredos intrigantes, agitam o raciocínio da criança. Imaginação: o exercício da imaginação traz grande proveito às crianças, porque atende a uma necessidade muito grande que elas têm de imaginar. Criatividade: uma vez que a criatividade é diretamente proporcional à quantidade de referências que cada um possui, quanto mais “viagens” a imaginação fizer, tanto mais aumentará o “arquivo referencial” e, conseqüentemente, a criatividade. Senso Crítico: as histórias atuam como ferramentas de grande valia na construção desse senso crítico, porque por

meio delas os alunos tomam conhecimento de situações alheias à sua realidade, uma vez que podem “navegar” em diferentes culturas, classes sociais, raças e costumes. Disciplina: é entendida como aceita e praticada espontaneamente pela criança e não como algo imposto inquestionavelmente pelo educador. No momento que se trabalha com o que a criança realmente gosta, quando sente que foi preparada especialmente para elas, as chances de se ter uma postura atenta e participativa aumentam muito.

Para contar uma história é preciso saber como se faz, afinal podem se descobrir sons e palavras novas, e por isso é importante que se tenha uma metodologia específica. É preciso que quem conte, crie um clima de envolvimento, de encanto, e saiba dar pausas necessárias para que a imaginação da criança possa ir além e construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei (...) e tantas outras coisas mais (...) (ABRAMOVICH, 1994, p. 20).

2.3 Influência de Alguns Pensadores

O processo educacional tem um papel importante, ao provocar situações que sejam equilibradores para o aluno, equilíbrios esses adequados ao nível de desenvolvimento em que se encontram, de forma que seja possível a construção progressiva das noções e operações, ao mesmo tempo em que a criança vive intensamente (intelectual e afetivamente) cada etapa de seu desenvolvimento.

Tomando por base esse pensador, acredito que o objetivo da educação, não consiste na transmissão de verdades prontas, informações, demonstrações, modelos etc, e sim que o aluno aprenda por si próprio, a conquistar, investigar e descobrir as verdades suas verdades.

Acredito em uma educação formadora, baseada no desenvolvimento natural do ser humano. Este, por sua vez, não adquirirá suas estruturas mentais e emocionais mais essenciais sem a intervenção do exterior. Sem esse tipo de contribuição, o indivíduo não chega à autonomia intelectual e moral. O desenvolvimento e a aprendizagem estão intimamente ligados, o indivíduo se desenvolve na medida em que aprende a se relaciona com o meio social. Além disso, o desenvolvimento não depende apenas da maturação, como acreditavam os

inatistas. Defendo essa posição, pois, apesar de ter condições biológicas de falar uma criança só falará se estiver em contato com uma comunidade.

Sabe-se que o aprendizado é essencial para o desenvolvimento do ser humano e se dá, sobretudo, pela interação social.

No pensamento de Paulo Freire, o homem cria a cultura na medida em que se integra nas condições de seu contexto de vida, reflete sobre ela e dá respostas aos desafios que encontra. Afirma que: “todo resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu saber, seu trabalho por transformar e estabelecer relações dialogais com outros homens é que se dá o aprendizado”. (FREIRE, 1982, p.41).

Desta forma, processos educativos e cultura constitui a aspectos sistemáticos da experiência humana, aquisição esta que será crítica e criadora e não simplesmente armazenamento de informações justapostas, que não foram incorporadas ao indivíduo total.

Ainda para o educador Paulo Freire, o tema fundamental de nossa época “constitui o da dominação que supõe seu contrário, o tema da libertação, como objetivo a ser alcançado (FREIRE, 1982, p. 34)”.

A libertação não se chegará por acaso, mas pela práxis de nossa busca. Trabalhar com o sentido da realidade e das possibilidades, ou, como diz Paulo Freire, em *Pedagogia da autonomia* (1997, p.18) “mudar é possível”.

Toda ação educativa, para que seja válida, deve necessariamente ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem, como de uma análise do meio de vida desse homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque. O homem se torna, nesta abordagem, o sujeito da educação.

A escola, para Paulo Freire, é uma instituição que existe no contexto histórico de uma determinada sociedade. Para que seja compreendida é necessário que se entenda como o poder se constitui na sociedade e a serviço de quem está atuando.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Escolas

que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros, em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso eles não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. “O vôo não pode ser ensinado só por ser encorajado”. (ALVES, 2006, p. 06).

É papel da escola promover a liberdade numa educação universal que encoraje e provoque nos alunos de todos os níveis e de todas as idades asas para voar através da motivação. O ambiente escolar deve ser organizado de tal forma que os alunos possam ser valorizados, encorajados e capazes de obter êxito nos estudos e na vida. E ao estabelecerem laços afetivos com a escola, com professores, colegas eles possam aprender livremente pela vivência da curiosidade, pelo desejo de ver, fazer, indagar, pensar e construir um futuro melhor.

3 Experiências Profissionais Recentes

Como enfatizei, o curso de Pedagogia fundamentou e aprimorou minha prática. Em 2010 fui selecionada para trabalhar em uma nova instituição de ensino. Trabalhei com o 1º ano do fundamental I. A experiência de outrora trabalhando com alfabetização foi relevante para obter êxito nas atividades realizadas neste período.

Como trabalhava apenas 04 horas, necessitava complementar minha renda. Fiz a inscrição para trabalhar com o Pro jovem adolescente, programa do Governo Federal. Fui selecionada através de entrevista feita por profissionais da secretaria de Ação Social do município onde resido para atuar no turno da noite. O Pro Jovem Adolescente é destinado aos jovens de 15 a 17 anos e oferece oportunidades socioeducativas para criar condições de inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional.

O orientador social é referencia fundamental para os jovens, o que aumenta a responsabilidade quanto á postura adotada frente aos jovens e frente a vida. A abertura ao diálogo, reciprocidade e compromisso são características fundamentais no acompanhamento das ações e vivenciam cotidianas, valorizando as potencialidades dos jovens e mobilizando-os para a participação.

O meu grande desafio foi me apropriar dos temas transversais e desenvolver métodos e técnicas de trabalhos criativos, articulando o conteúdo teórico e prático, adequando-os ao perfil dos jovens de cada realidade. Sabemos que existe uma evasão dos jovens, e mantê-los não é uma tarefa fácil. O fato de ter dois públicos diferentes, pois pela manhã atuava com crianças de 06 anos, e pela noite com adolescentes, fundamentou ainda mais minha prática e contribuiu bastante para intensificar e qualificar a minha práxis.

Em 2011 fui surpreendida com o convite para coordenar a Educação Infantil e o ensino fundamental I e II. Não podendo conciliar a coordenação pedagógica com o Pro jovem, abri mão deste para me dedicar somente a coordenação. Mesmo com uma bagagem, ainda não me sentia apta para assumir uma coordenação pedagógica, tendo em vista a importância do cargo dentro da escola.

Acredito que uma das funções específicas do coordenador é a socialização do saber docente, na medida em que cabe estimular a troca de experiência entre os professores e sistematizar as práticas pedagógicas. Cabe, também, ir além do conhecimento teórico, pois para acompanhar o trabalho pedagógico e estimular os professores é preciso percepção e sensibilidade para identificar as necessidades dos alunos e professores, tendo que se manter sempre atualizado, buscando fontes de informação e refletindo sobre sua prática.

Em 2012, a semana pedagógica revelou muitas expectativas, tempo de planejar e também de renovar as ideias, buscar algo novo e somar ao que já sabíamos. Novas técnicas de aprendizagens foram pensadas, avaliando nossa metodologia, e inovando para não correremos o risco de repetir as falhas do ano que passou. Iniciamos a semana pedagógica com muitas ações. Compreendo que o coordenador pedagógico deve assegurar, através de várias ações, atividades necessárias para o bom desenvolvimento escolar, e que seja refletido no Projeto Político Pedagógico PPP a participação conjunta de professores, alunos, pais, equipe pedagógica.

Sabe-se que escola é, de fato, o local de exercício da cidadania, mais para que isso aconteça somente o acesso à escola não é suficiente. É também preciso garantir a permanência do educando, tornando-o sujeito capaz de assimilar e construir saberes com a orientação dos professores, baseando sempre em princípios, valores éticos e morais. Encerramos a semana pedagógica com uma aeróbica na piscina da escola com a parceria do professor de educação física. Esse momento foi ímpar para todos, pois a interação e a empolgação mostravam o quanto estávamos cheios de energia para enfrentar o ano letivo com determinação, descontração, mas, acima de tudo, prontos para encarar com responsabilidade o exercício de multiplicadores de conhecimentos.

As aulas iniciaram com muitas carinhas novas, também muitos sonhos, muitas novidades, e eu aprendendo a cada segundo a administrar professores, alunos e pais. Se construir ou se perder depende do rumo que se imprime as decisões e ações ao longo de sua vida.

Foi uma semana diferente, a semana da leitura, com peças teatrais, contação de histórias, poemas, avental literário para as crianças da educação infantil, varal com diversos gêneros textuais para o fundamental I II estudo da biografia de alguns escritores como Monteiro Lobato, Maurício de Sousa, Ziraldo e Shakespeare. As avaliações das atividades desenvolvidas foram avaliadas pelos professores diante da atuação dos alunos envolvidos com o projeto. O resultado superou as nossas expectativas, pois, contemplamos os nossos alunos mais interessados pela leitura, o que melhorou positivamente nas aulas de Português e Redação. O sucesso foi tão grande que através dessa ação os nossos alunos começaram a escrever um livro, e com a parceria de uma professora, fizemos o nosso grande evento: a noite de autógrafa. O projeto denominado meu primeiro livro foi desenvolvido especialmente para os alunos do fundamental I e II para ampliarem sua visão junto a uma proposta consistente e criativa, Para realização do projeto encontramos dificuldades, mais foram superadas no momento do lançamento do livro as 19h no dia 18 de Abril, nas instalações do Instituto SEI.

O dia do livro Infantil foi especialmente escolhido pelos alunos para lançar os seus primeiros escritos. Comportaram-se como verdadeiros escritores e o orgulho no olhar de todos irradiavam o salão. O público contemplado pelos alunos do ensino fundamental I e II foram as crianças da educação infantil. As histórias circularam entre os alunos para que cada um pudesse valorizar o trabalho do colega. Realmente me senti útil na vida das crianças por ter feito parte de um trabalho tão lindo, pelo fato de estimular não só a leitura, mas também a escrita. Perceber aqueles alunos, deixando ali naquelas páginas sua contribuição pra uma geração de leitores mirins foi extremamente gratificante.

A LDB no seu art. 22 afirma: “a educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”. Lembrando que a escola deve trabalhar a educação favorecendo a frequência dos alunos. Esta educação deve ser diferente da forma como fazem as outras instituições como: a família, os meios de comunicação, o lazer e os outros espaços de construção do conhecimento e de valores para convivência social.

Como coordenadora pedagógica, assumir explicitamente o compromisso de educar os alunos dentro dos princípios democráticos, em um espaço de práticas sociais em que os alunos não só entraram em contato com valores, mas também aprenderam a estabelecer valores e ampliaram suas escolhas adquirindo habilidades de posicionar-se em situações de conflitos. As reuniões Pedagógicas eram realizadas a cada último sábado do mês e representavam momentos de reflexão, avaliação e discussão de ideias.

Os planejamentos eram voltados para uma aprendizagem sempre significativa. Dentre tantos trabalhos realizados, sentimos a necessidade de trabalhar o lado social da comunidade escolar, então surgiu o Junino Fest Solidário. Este evento foi resultado de um mine projeto acatado pelos alunos, que foram protagonistas. Este projeto visava integrar a comemoração da festa junina ao resgate social, exercendo cidadania através de ações solidárias e participativas.

Foi muito prazeroso ver as crianças demonstrando atitudes de respeito e cooperando para ajudar as instituições da cidade que carecem de ajuda. Como por exemplo, a casa do ancião, casa de apoio e casa de dependentes químicos. Durante o mês de Junho as crianças angariaram alimentos não perecíveis. Foram feitas três grandes sextas básicas e a entrega realizada pelos alunos. A percepção dos alunos de serem agentes ativos do processo de sobrevivência daquelas pessoas teve um grande significado.

Destaco também outra ação de grande relevância para docentes e discentes da educação infantil e fundamental I que foi o Projeto BRINCAR. Esta atividade se deu por conta da preocupação com o sedentarismo dos alunos.

Desenvolvido a cada 15 dias com brincadeiras que objetivaram desenvolver a concentração, as habilidades motoras e o resgate de brincadeiras antigas. Como gosto de dizer é responsabilidade dos educadores não deixar morrer as brincadeiras dos tempos da vovó. Com essas atividades percebemos que é através das crianças que as brincadeiras se perpetuam, sendo preservadas e recriadas a cada geração. Resgatar estas brincadeiras é uma forma de promover interação e ampliar o universo lúdico e cultural.

A estratégia de trabalho foi desenvolvida da seguinte forma: divididas duas equipes de educadores, cada equipe planejava o seu sábado, a criatividade ficava por parte da equipe. Como coordenadora participava ativamente das duas equipes, que faziam uma disputa em forma de competição. As crianças gentilmente convidadas para participar, de 08:h às 11hs, com oficinas, jogos, cantigas de rodas, entre outras. A contribuição para o desenvolvimento cultural, social e emocional das crianças logo foram percebidas.

O trabalho do coordenador exige um compromisso amplo, não somente com a comunidade na qual se está trabalhando, mas consigo mesmo. Trata-se de um compromisso político que induz a competência profissional e acaba por refletir na ação do educador, em sala de aula, as mudanças almejadas. Todavia, é difícil de

ser realizada e exige participação, integração em sua complexidade. Contudo, caracteriza - Brandão (1999 p.15):

a educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem de uns e outros.

Diante do exposto afirmo que a escola é parte integrante da totalidade social, não é um produto acabado. É resultado, dos conflitos sociais que os trabalhadores vivem nas relações de produção, nas relações sociais e nas lutas de classe. É também fruto das lutas sociais pela escola como lugar para satisfazer a necessidade de conhecimentos, qualificação profissional, e de melhoria de suas condições de vida enquanto possibilita melhores empregos e o acesso a uma maior renda. Não se pode negar este direito aos trabalhadores, e, por isso, a escola pública, apesar dos pesares, é um espaço de Educação Popular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo serviu como ponto de partida para que eu pudesse refletir sobre o meu processo de formação profissional, considerando aspectos da minha vida e experiências profissionais adquiridas, especialmente, no decorrer do curso de pedagogia.

Como alfabetizadora compreendo a leitura de Emília Ferreiro quando critica a educação tradicional onde o professor é um mero repetidor deixando de ser figura central do processo aprendizagem.

Ressalto neste artigo por meio do projeto de contação de histórias, a necessidade de favorecer em sala de aula um clima de maior interação, proporcionando uma maior parceria com as crianças, tendo em vista que elas são sujeitos de sua própria aprendizagem. Chamo atenção para a leitura e a escrita, pois acredito que estas atividades não se restringem ao decodificar/codificar o impresso

no papel, mais de buscar formas prazerosas de oferecer as crianças oportunidades de se expressar com mais criatividade, propriedade e intensidade.

Portanto, considerando que atividades de contação de histórias promovem o desenvolvimento integral da criança, recomendo que essa forma de ensino possa ser mais discutida nos contextos educacionais e que a busca pela espontaneidade da criança seja enfatizada pelos educadores, entendendo que estas atividades são prazerosas e significativas, devendo ser objeto de investigação permanente por parte dos educadores.

Na condição de coordenadora em que estive, deixo a seguinte reflexão. Cabe ao professor planejar programar e dirigir as didáticas com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir uma aprendizagem efetiva.

A prática pedagógica requer que se pense de forma dialética e que se faça educação para toda a sociedade, ainda que, através de diferentes meios e em diferentes espaços sociais. À medida que esta sociedade se torna tão complexa há que se expandir a intencionalidade educativa para diversos outros contextos, abrangendo diferentes tipos de formação necessária ao exercício pleno da cidadania.

Espera-se, pois, que o Coordenador Pedagógico conheça plenamente o seu espaço de trabalho, compartilhe ideias e conhecimentos, construa o seu papel na escola, tornando-se assim, a ligação fundamental, traçando o seu caminho transformador, formador e articulador.

Os pensadores aqui abordados têm grande relevância na minha formação, pois contribuíram de forma teórica para embasamentos dos meus questionamentos. A prática pedagógica requer que se pense de forma dialética e que se faça educação para toda a sociedade, ainda que, através de diferentes meios e em diferentes espaços sociais.

ABSTRACT

The course pedagogy and pedagogical practice are complex and represent major challenges. In this article I highlight aspects of my training expressed as a memorial of training and teaching practice, supported on thinkers who were directly connected to my questions. As an educator I make a discussion on promoting awareness of enjoyable reading on their importance to the social and cultural life of the student. Learned from the experience of supervised practice that the educator is a constant search and mediation made between student and teacher, makes them an integral part of the learning process. I believe, in particular, that storytelling is a channel of learning because arouses in children a love of reading and writing. Working with reading through staging facilitates reflection of the child because it associates the imaginary to the real. I would add, finally, in this work, the appearance of playfulness in different contexts, because I believe that through the ludic can develop memory, make critical and student reflectivity .

Keywords: training and teaching practice; storytelling; Playfulness.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1994.

ALVES, Rubem. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

BRASIL, **Lei 9394** de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em jun.2013.

FERREIRO, Emilia. **Com todas as letras**. São Paulo: Editora Cortez, 2001

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.

FERREIRO, Emilia. **Com Todas as Letras**. São Paulo: Cortez, 1999. 102pBlog WWW.materiaisdiferenciadosesemaladeaula.

FRANCO, Maria Amélia Santoro Franco; GHEDIN, Evandro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da Autonomia**. Editora Paz e Terra 31o Edição, São Paulo 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro, 1983.

PRIOLLI, J. Fraldas e livros. Nova Escola. Edição Especial Leitura, nº 18. São Paulo: Abril, 2008.

SCARPA, Regina Scarpa. Artigo sobre alfabetização
<revistaescola.abril.com.br/.../alfabetizacao.../alfabet>.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido em: 25/03/2014

Aprovado em 15/04/2015